


|                  |                    |                       |               |   |
|------------------|--------------------|-----------------------|---------------|---|
| ID: 50           | Jornal de negócios | Tiragem: 10171        | Página: 10-13 |  |
| Data: 31.05.2019 |                    | País: Portugal        |               |   |
|                  |                    | Âmbito: regional      |               |   |
|                  |                    | Periodicidade: diário |               |   |

10 REPORTAGEM  
11

Sempre antes | 17 de maio de 2019 | Negócios

# Retrato de uma Raia grisalha

Idanha-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Penamacor. Três concelhos plantados na nuca de Portugal, três das 77 localidades nacionais com mais reformados no ativo, dizem os números do Instituto da Segurança Social (ISS). Trabalho até vai havendo, garantem os locais, mas a mão de obra foge para o Litoral, em particular para o nariz do país. Os verbos da Raia conjugam-se no passado. É um sítio que foi e que sonha em voltar a ser.

FÁBIO MONTEIRO  EDGAR MARTINS



420 anos, a Rua do Pendentele, em Idanha-a-Nova, era trilhada por mais de uma dezena de crianças, todos os dias a intensidade do tráfego de pé na calçada em penitência de habilitação certa. “Ermos tanto que até habitamos em meio a outros, as mulheres faziam-se de desleixadas com a malha”, recorda José Crespo, 70 anos, reformado em 2019, o afilhado à peça. Muitos partidos casais e vias adjacentes estão vazias. “Apátrida-se vi a ninguém. Agora não há emprego, não há nada. As pessoas têm de ir para outros locais”, diz, evocando os casos em este filão, apenas dois vivem no concelho. Um do Instituto da Segurança Social (ISS), deslocado ao seu tempo pessoal, conta uma história por volta de José, dos 278 concelhos de Portugal continental, 77 têm mais população residente do que a trabalhar. Em Idanha-a-Nova, há 1785 trabalhadores por 22 085 pensionistas. António Barata, 80 anos, que em março partiu ao lido de Aveç, também garante: “Havia aqui malta e malta”.

O passado é o tempo que antes se movia no rio da Rua do Pendentele e agora não se fosse presente. Talvez por isso, mesmo quando lhes é dada uma boa notícia, doíam. Segundo o município de Idanha, em 2018 a população do concelho cresceu pela primeira vez em 70 anos.

“Apátrida-se vi a ninguém. Agora não há emprego, não há nada. As pessoas têm de ir para outros locais”, diz, evocando os casos em este filão, apenas dois vivem no concelho. Um do Instituto da Segurança Social (ISS), deslocado ao seu tempo pessoal, conta uma história por volta de José, dos 278 concelhos de Portugal continental, 77 têm mais população residente do que a trabalhar. Em Idanha-a-Nova, há 1785 trabalhadores por 22 085 pensionistas. António Barata, 80 anos, que em março partiu ao lido de Aveç, também garante: “Havia aqui malta e malta”.

O passado é o tempo que antes se movia no rio da Rua do Pendentele e agora não se fosse presente. Talvez por isso, mesmo quando lhes é dada uma boa notícia, doíam. Segundo o município de Idanha, em 2018 a população do concelho cresceu pela primeira vez em 70 anos.



Idanha-a-Nova tem menos de 50 habitantes. O resto de sua história há quatro anos: “Há um lugar pequeno de idade suficiente”, conta Maria Amélia, 66 anos.

nacional, foi “Migra para Idanha”, em 2012, um dos anos mais interiores da crise. Atualmente, o programa sofreu uma redefinição e chama-se “Reconectar”.

Apesar dos esforços, a capacidade do mercado de trabalho local para absorver os licenciados da ESNIN é limitada. “Tem o bônus de não pagar o salário do SIC, João Monteiro. Cerca de 50% dos alunos são do região os restantes vêm de vários pontos do país ou mesmo de fora. A presença dos estudantes traz um dinamismo muito saudável à vila, uma partilha intergeracional”, diz Sara Bêto Filipe, diretora da ESNIN.

A instituição que faz parte do Instituto Politécnico de Castelo Branco acaba 200 alunos, de emprego. E há funcionários de centenas e centenas com 50 professores. Em um dos cinco vilas da vila, mas não no índice, Idanha-a-Nova tem um funcionamento próprio e presidente da municipalidade, Armindo Jacinto, implementou, nos últimos anos, vários programas de incentivo à fixação de pessoas. O mais icônico, até com projeção inter-

Mas nem sempre foi assim. “Na escola, eram 48 crianças. Agora é maior a oferta de trabalho em Lisboa. Caso haja trabalho no campo, mas mesmo esse acabou por desaparecer”, lembra Maria Amélia, inativa a um tempo particular e os grandes plantações de tabaco, um bônus extra que alcançaram entre os anos 1980 e meados de 2000. Fundaram-se os Pródios Emopos, foram-se as produções, garantem os locais. “No tempo do tabaco, havia muito trabalho. Foi lá que trabalhei para pagar a minha casa”, conta Alberta Nunes, 85 anos.

Não há mais o mesmo da Idanha, há 500 anos. O elemento radical. Nasce e cria-se em Sinta, há ca família tocaram o Litoral pelo Interior. Em 2015, abriu uma mercearia no Ladoir, a justia que esteve no seu antigo cargo da Liga de Amigos de Idanha-a-Velha. Com um passado que remonta ao século I a.C., esta aldeia “tem uma carga histórica bonita”, garante.

**TRABALHAR UM CONCELHO AO LADO**  
As estatísticas, por vezes, enganam, e a culpa não é daque-

les que se agrumam. Oficialmente, há 702 trabalhadores para 1085 pensionistas em Vila Velha de Ródão. Os dados divulgados pelo Instituto da Segurança Social (ISS) não abarcam a realidade local. Os limites conceituais no interior do país são fluidos, muitos são aqueles que moram em Castelo Branco, Nisa ou Proença-a-Nova, mas trabalham na indústria da celulose em Ródão.

Em todos os casos, o número de pensionistas não deixa de ser significativo na região. Nos últimos anos, a lista de espera dos três anos de espera, gerida pela Santa Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão, tem vindo a aumentar, não há camas, por todos. “São há uma redução de procura no pólo de saúde, por-

